
► *Caracterização tecnológica da indústria lítica em sílex das comunidades dos concheiros de Muge*

Anabela Branco Joaquineto
Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA)
anabela.joaquineto@apia.pt

RESUMO

A tecnologia da indústria lítica em sílex dos concheiros do Vale do Tejo apresenta características que documentam a existência deliberada na escolha de determinados artefactos em detrimento de outros. Opção que pode estar ligada a uma co-dependência entre grupos na exploração dos recursos.

Palavras-chave:

Tecnologia, tipologia, sílex, cadeias operatórias, geométricos.

ABSTRACT

Technology of the sílex lithic industry from the Tejo Valley shell middens confirms the existence of a deliberated selection of some artifacts to the detriment of other ones. This option may be related to a co-dependence between groups in the exploitation of resources

Keywords:

Technology, tipology, sílex, operative chains, geometrics

RESUM

La tecnologia de la indústria lítica en sílex dels conquillers de la Vall de Tejo presenta característiques que documenten l'existència deliberada en l'elecció de determinats artefactes en detriment d'altres. Aquesta ocupació pot estar lligada a una co-dependència entre grups en l'exploració de recursos..

Paraules Clau:

Tecnologia, tipologia, sílex, cadenes operatives, geomètriques.

INTRODUÇÃO

A deliberada produção de um tipo de geométrico nos concheiros do Vale do Tejo praticamente anula a produção dos restantes. No concheiro de “apoio” do Cabeço dos Morros, o geométrico escolhido é o trapézio, que representa 92% da totalidade dos geométricos, grupo que se completa com os triângulos, que representam 8% e onde se regista a inexistência de segmentos. No concheiro de “base” do Cabeço da Amoreira, a estratégia é idêntica, somente difere o geométrico, dos 834 geométri-

cos estudados, 712 são triângulos.

Estes elementos colocam a hipótese de pelo menos dois grupos com funções distintas ocupavam os concheiros, num sistema de povoamento dividido por tarefas, criando uma dependência na exploração dos recursos. Justificando assim a escolha deliberada de um geométrico em detrimento dos outros, em concheiros com cronologias idênticas e que ocupavam o mesmo território.

CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE EXPLORAÇÃO LÍTICA

Nos concheiros do Vale do Tejo foram identificadas duas estratégias de exploração dos núcleos em sílex, uma definida pela produção lamelar provenientes de pequenos seixos ou nódulos. Os núcleos, correspondentes a esta primeira estratégia, apresentam morfologias prismáticas, sub-prismáticas, piramidais e sub-piramidais, com extracções de negativos paralelos, opostas e perpendiculares. A sua exploração é levada até ao limite, com quase todos os núcleos em fase final de debitagem, com um peso médio de 18 gramas, e apenas 3% dos núcleos pertencem à 1ª fase de debitagem, os quais são provenientes de pequenos seixos. Os núcleos apresentam vestígios de terem sido preparados, com uma frequente produção de flancos e, menos frequente, de tabletes e a ocorrência de abrasão da cornija em cerca de 40% dos núcleos.

Nesta estratégia existe ainda uma subdivisão, uma variação nos artefactos resultantes da produção lamelar. A opção generalizada é o geométrico, porém o Cabeço da Arruda e a Moita do Sebastião contrariam essa norma, com um valor superior de lamelas retocadas em relação aos geométricos.

A segunda estratégia está ligada à produção de

lascas, provenientes de núcleos sobre lasca, informes e globulares, apresentam-se com e sem retoque e com e sem córtex, em valores percentuais idênticos. A sua exploração é realizada a partir de 1 ou 2 pontos de percussão, revelando um talão liso, facetado ou cortical.

A importância na distinção destas duas estratégias reside na principal funcionalidade de cada concheiro e as actividades desenvolvidas por cada comunidade de forma semi-permanente ou sazonal eram distintas, mesmo quando partilhavam o mesmo espaço terrestre e temporal.

A ESCOLHA DE UM GEOMÉTRICO

As comunidades dos concheiros eram especializadas em determinada função, de acordo com o geométrico que escolhiam, mecanismos que permitiam o desenvolvimento e o máximo sucesso das suas principais actividades: caça-recolocção-pesca. A opção por um geométrico nos concheiros do Vale do Tejo, praticamente anulava a produção dos restantes, no concheiro “de apoio” do Cabeço dos Morros o trapézio representa 35% dos artefactos, o grupo dos geométricos completa-se com o triângulo, com somente 2,8% e o segmento de círculo é inexistente. Mas é no concheiro da Moita do Sebastião que a diferença numérica morfológica entre geométricos é mais evidente, dos 267 (22,3% do total dos artefactos) geométricos

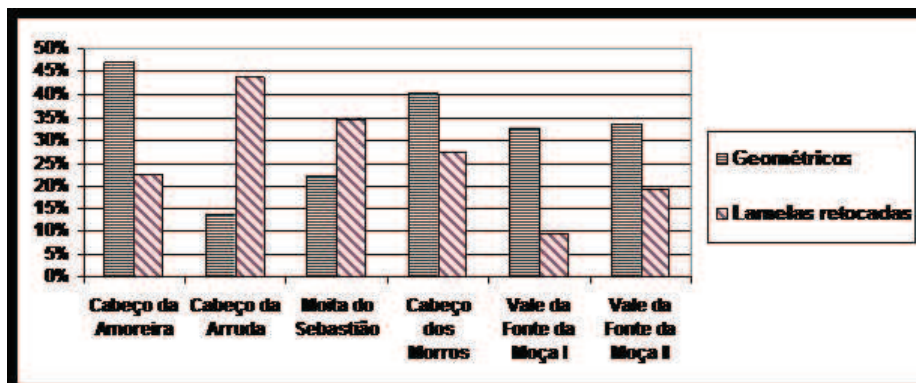


Figura 1. – Histograma da distribuição de geométricos e lamelas retocadas nos concheiros do Vale do Tejo

existentes, 252 são trapézios.

O concheiro do Cabeço da Amoreira apresenta o valor percentual mais elevado de geométricos dos concheiros do Vale do Tejo, 36% de triângulos, valor somente superado pelos concheiros do Vale do Sado, Poças de S. Bento (Araújo, 1999) e Várzea da Mó (Marchand, 2001).

O grupo dos geométricos do Cabeço da Amoreira apresenta uma particularidade, é o único concheiro do Vale do Tejo em que o triângulo é o geométrico dominante, que representa 35% da totalidade dos artefactos. Os restantes concheiros “de base” Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião e o concheiro “de apoio” Cabeço dos Morros optaram pelo trapézio, e o concheiro “de apoio” do Vale da Fonte da Moça I escolheu o segmento de círculo. Deste conjunto de concheiros, resta o Vale da Fonte da Moça II, o único concheiro que tem um número idêntico de dois tipos de geométricos, embora o segmento de círculo prevaleça, mas com um diferencial percentual de somente 0,7% em relação ao triângulo. Em todos os concheiros referidos, à excepção do concheiro do Cabeço da

Amoreira, os valores representados pelos triângulos variam entre os 0,8% e os 3,6% do total dos artefactos, um valor que define que o triângulo não foi um geométrico de eleição nos concheiros do Vale do Tejo.

O invulgar na presença quase exclusiva de trapézios no concheiro da Moita do Sebastião, é o facto de este se localizar a somente 2 Km do concheiro do Cabeço da Amoreira, no qual o triângulo predomina. Por motivo da destruição quase total do concheiro da Moita do Sebastião, somente as suas datações na fase final de ocupação se podem comparar, datações que se revelam idênticas, 7300±80 BP para o Cabeço da Amoreira (Roksandic, 2005) e 7240±30 BP para a Moita do Sebastião (Lubell, 1986). Porém os micrólitos geométricos representados em cada um são bem diferentes, o Cabeço da Amoreira possui 36% de triângulos, 4,5% de trapézios e 2% de segmentos de círculo e a Moita do Sebastião com 18,3% de trapézios, 0,5% de triângulos e 0,2% de segmentos de círculo.

Referência também para o geométrico com menor representação nos concheiros do Vale do

	Cabeço da Amoreira	Cabeço da Arruda	Moita do Sebastião	Cabeço dos Morros	Vale da Fonte da Moça I	Vale da Fonte da Moça II
	%	% (Rolão, 1999)	%	%	%	%
Geométricos	42,5	13,7	19	40,1	32,6	33,7
Lâminhas retocadas	22,4	43,8	36	27,6	9,6	19,2
Lâminhas retocadas		18,90%	22,10%			

Figura 2. – Quadro da distribuição de utensílios retocados nos concheiros do Vale do Tejo

Tejo, o segmento de círculo, a sua presença no Cabeço da Arruda (0,3%, Rolão, 1999) e na Moita do Sebastião (0,2%) é apenas simbólica, com apenas 2 segmentos. Porém, no concheiro do Cabeço da Amoreira, os segmentos desempenham um papel significativo em todas as camadas arqueológicas, 3,3% do total dos artefactos, resultados que tem paralelismo com o concheiro “de apoio” Vale da Fonte da Moça II, no qual o segmento é o principal geométrico, porém com uma diferença de apenas 0,7% das formas triangulares.

Nos concheiros do Vale do Sado, o padrão definido mantém-se, as Poças de S. Bento (Araújo, 1999), o Cabeço do Rebolador, o Vale das Romeiras e Arapouco (Arnaud, 1987,1989) tem no trapézio o seu geométrico de eleição enquanto a Várzea da Mó, o Cabeço do Pez (Farinha dos Santos, 1973) e o Cabeço das Amoreiras (Arnaud, 1986) optaram pelo segmento de círculo. No litoral alentejano, os concheiros de Fiais e Vidigal (Vierra, 1992) também optaram pelo trapézio e segmento, respectivamente. Todos estes arqueosítios têm em comum o facto de o triângulo ser sempre o geométrico menos visível.

A morfologia dos geométricos

Os vários tipos de micrólitos geométricos apresentam características morfológicas diversas resultantes da opção funcional para que foi produzido. Características como as truncaturas, as bases, o retoque e as fracturas resultantes da sua utilização.

A análise dos geométricos do concheiro do Cabeço da Amoreira, provenientes das escavações dos anos 30 dirigidas por Mendes Corrêa, Serpa Pinto e Santos Júnior (Cardoso, 2002-2003) e nos anos 50 e 60 por Octávio da Veiga Ferreira e Jean Roche (Jean Roche, 1972), deu origem às seguintes interpretações:

1. Existe um momento de apogeu na

produção de formas triangulares, que se regista no período de ocupação da camada média¹ ;

2. Os triângulos isósceles têm um percurso distinto, regista-se a sua produção intensa na camada profunda, a qual decresce de forma significativa nas duas camadas seguintes, a média e a superficial, o que parece indicar que esta morfologia foi sendo de forma progressiva abandonada;

3. Os triângulos isósceles foram sendo substituídos pelos triângulos escalenos;

4. Os triângulos de Muge mantêm uma percentagem constante ao longo das 3 camadas, com uma densidade mais elevada na camada média;

Os triângulos escalenos irregulares apresentam características morfológicas distintas, divididas em três subgrupos:

a) truncatura pequena convexa ou oblíqua, o subgrupo com valor percentual mais elevado;

b) ambas as truncaturas são oblíquas, que incluem os triângulos de maiores dimensões (>30 mm) e os triângulos de Muge;

c) ambas as truncaturas convexas nos triângulos de menores dimensões (15-23 mm);

d) Cerca de 50% dos triângulos não apresenta a ponta final de uma das truncaturas, acção resultante da utilização e que parece indicar uma acção unidireccional dos triângulos, situação já identificada no concheiro do Cabeço dos Morros e no Vale da Fonte da Moça, onde cerca de 25% e 32%, respectivamente, dos trapézios apresentam a mesma característica.

Nos concheiros da Moita do Sebastião, no Cabeço da Arruda e no concheiro do Cabeço dos

Morros os trapézios assimétricos são o geométrico dominante. Os assimétricos longos têm o valor percentual de 53%, mas apenas por uma margem de cerca de 15% em relação aos assimétricos curtos.

Nestes trapézios reúnem-se associações de truncaturas diversificadas; sendo a mais comum a grande truncatura oblíqua e a pequena truncatura concava (23%), porém existindo mais 7 associações de truncaturas, nas quais se destacam ambas as truncaturas oblíquas (11%) e concavas (4%). A diversidade de truncaturas sugere que quando da sua produção, a sua morfologia final em relação às truncaturas e parâmetros métricos tinha em conta o instrumento compósito que ia completar.

Foi também reconhecido um número significativo de trapézios fracturados, cerca de 65% dos trapézios não possuem uma das extremidades de uma das truncaturas, ausência que varia entre 1 e 8 mm, e 12% não possuem ambas as extremidades. Tal se deve provavelmente como resultado do seu uso frequente, nas quais se destaca a ausência da extremidade da grande truncatura em cerca de 2/3 dos trapézios, o que indica que era a parte activa e mais exposta.

Esta tecnologia incluía ainda o retoque em uma ou nas duas bases dos trapézios, cerca de 28% dos trapézios são retocados, com um retoque regular e deliberado com o propósito de permitir uma maior índice de sucesso para a função a que estas peças estavam destinadas.

INTERPRETAÇÃO

O estudo até ao momento realizado no material em sílex dos concheiros do Vale do Tejo, permite-me constatar que existe uma uniformidade quanto à tipologia, todos os concheiros tinham conhecimento do mesmo grupo de utensilagem. A diferença reside na escolha de um geométrico em cada concheiro, que apre-

senta proporções numéricas bastante distintas em relação aos restantes geométricos, diferença na utensilagem já identificada por Jean Roche (Roche 1972), e de acordo com a principal actividade desenvolvida no mesmo e que pode também indicar uma divisão de território e a existência de vários grupos sociais (Petersen, 1984), que interagem de acordo com as necessidades da comunidade.

A localização dos concheiros junto a cursos de água, nomeadamente às ribeiras de Muge, Magos e Vale da Fonte da Moça, indicam a importância destas para os recursos alimentares das comunidades, e que é confirmado por uma elevada quantidade de fauna malacológica e significativa quantidade de fauna ictiológica. Neste contexto o concheiro do Cabeço da Amoreira parece ter tido um papel preponderante no conjunto dos concheiros do Vale do Tejo, além da representação significativa das faunas acima mencionadas, apresenta também uma maior quantidade de fauna terrestre, com áreas no concheiro, onde existem concentrações elevadas de restos faunísticos terrestres. Apesar da exploração intensiva de todos os recursos, no Cabeço da Amoreira parece existir uma maior propensão ou dependência da caça, como actividade principal, e que pode explicar a escolha do triângulo.

Nos concheiros registou-se um número idêntico de artefactos fracturados e inteiros, o que indica coexistir nos concheiros locais de talhe de artefactos líticos em simultâneo com áreas de acumulação de artefactos rejeitados.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, A.C., 1999, A indústria do concheiro de Poças de S. Bento, *O Arqueólogo Português*, série IV, 86-159

ARNAUD, J.M., 1986, O concheiro das Amoreiras, S. Romão do Sado, *Informação Arqueológica* 7, Lisboa, 80-82

- ARNAUD, J.M., 1989**, Os concheiros mesolíticos do Vale do Sado e a exploração dos recursos estuarinos, *Arqueologia* 15, 21-42
- CARDOSO, J.L., ROLÃO, J.M., 2002-2003**, *Muge Estudos Arqueológicos*, Centro de Estudos de Arqueologia da Universidade Autónoma de Lisboa e Câmara Municipal de Salvaterra de Magos
- CUNHA, E.; CARDOSO, F. 2002**. The osteological series from Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal). *Bull. et Mém. de la Société d'Anthropologie de Paris*.n.s.t.13, 2001, 3-4.
- CUNHA, E., M.T. FERREIRA, M. ROKSANDIC, J.M. ROLÃO, 2006**. O retomar das escavações em Muge: novo material osteológico In *Do Epipapelolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro: University of Algarve Press.
- LUBBELL, D. AND JACKES, M. 1985**. Mesolithic-Neolithic continuity: Evidence from Chronologie and Human Biology. in *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, INIC,v.1, 113-133. Lisboa.
- LUBELL, D., M. JACKES, C. MEIKLE-JOHN & H. SCHWARCZ, 1986**, New radiocarbon dates for Moita do Sebastião. *Arqueologia* 14: 34-36.
- MARTÍNEZ, R.D., 2005**, *La Funcionalidad de los geométricos*, Monografías Arqueológicas 41, Universidad de Zaragoza
- PETERSEN, K.S., 1991**, Chronological and Regional Variation in the Late Mesolithic, *Journal of Danish Archaeology* 3, 7-18
- ROCHE, J., 1957**, Première datation du Mésolithique portugais par la méthode du Carbone 14. *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa* 29:292-298.
- ROCHE, J., 1972**, *Le Gisement Mésolithique de Moita do Sebastião*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa
- ROZOY, J.G., 1978**, *Typologie de l'Épipaléolithique franco-belgue*, Bulletin de la Société archéologique champenoise
- ROLÃO, J. M. F., 1999**, *Del würm Final al Holocénico en el Bajo Valle del Tajo (complejo arqueológico mesolítico de Muge)*. Universidade de Salamanca, Facultad de Geografía e História, vol. I.
- ROLÃO, J.M., JOAQUINHO, A., GONZAGA, M., 2006**, O complexo Mesolítico de Muge: novos resultados sobre a ocupação do Cabeço da Amoreira, In *Do Epipapelolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, 27-41, Faro: Universidade do Algarve
- ROLÃO, J.M., M. ROKSANDIC. 2006**, The Muge Mesolithic complex: new results from the excavations of Cabeço da Amoreira 2001-2003 In *Shell middens in Atlantic Europe*, edited by N. Milner, O.E. Craig and G.N. Bailey, 78-85. Oxford: Oxbow books.
- ROKSANDIC, M.** Analysis of Burials from the New Excavations of the Sites Cabeço da Amoreira and Arruda (Muge, Portugal). In *Do Epipapelolítico ao Calcolítico na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*; 43-54, Faro: Universidade do Algarve
- SANTOS, M.F., SOARES, J., SILVA, C. T., 1973**, O concheiro epipaleolítico do Concheiro do Pez, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, 173-190
- VIERRA, B.J., 1992**, *Subsistence diversifica-*

tion and the evolution of microlithic technologies: a study of the Portuguese Mesolithic,
Ph.D Dissertation, Departamento of Anthropology University of New México

NOTES

¹ O corte estratigráfico, de acordo com a metodologia usada na época, foi dividido em 3 camadas arqueológicas artificiais: a superficial, a média e a profunda.superiors dels conductes conservats.